

A identidade entre movimentos fascistas e Igreja Católica nos jornais anarquistas *A Plebe* e *A Lanterna* (1932-1935)

Andre Rodrigues¹

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de analisar as críticas às ligações entre o Catolicismo e os movimentos fascistas nos jornais anarquistas *A Plebe* e *A Lanterna*, entre 1932 e 1935. No limiar dos anos 30, ocorreu uma reestruturação do movimento anarquista em São Paulo e, conseqüentemente a retomada da militância anticlerical libertária, que passou em certa medida a ser conjugada a luta antifascista, pois nesse período, a Igreja Católica estabeleceu uma aproximação com vários regimes e movimentos fascistas. A partir da emissão de uma série de ideias políticas por meio de seus artigos e imagens, os jornais analisados buscavam influenciar na formação política dos seus leitores, para que se opusessem tanto a Igreja quanto aos movimentos fascistas, e assim, apoiassem a mobilização anticlerical-antifascista libertária.

Palavras-chave: jornais anarquistas, Catolicismo, fascismos, ideias políticas, imagens.

The identity between fascist movements and the Catholic Church in anarchist newspapers *A Plebe* and *A Lanterna* (1932-1935)

Abstract: This article aims to analyze the criticism of the links between Catholicism and fascist movements in anarchist newspapers *A Plebe* and *A Lanterna*, between 1932 and 1935. At the dawn of the 30s, there was a restructuring of the anarchist movement in São Paulo and, hence the resumption of libertarian anticlerical militant who spent some extent to be conjugated to anti-fascist struggle, for this period, the Catholic Church has established an approach with several regimes and fascist movements. Upon the issuance of a series of political ideas through their articles and pictures, newspapers analyzed sought to influence the political education of your readers so that opposed both the Church and the fascist movements, and thus supported the mobilization anticlerical- antifascist libertarian.

Keywords: anarchist newspapers, Catholicism, fascisms, political ideas, pictures.

Artigo recebido em 22/06/2015 e aceito em 21/09/2015

Introdução

Após o findar do período repressivo que marcou o Governo Washington Luiz, no limiar dos anos 30 ocorreu uma reestruturação do movimento anarquista em São Paulo. Primeiramente em 1931, os grupos libertários que atuavam nos sindicatos reorganizaram em nível estadual a Federação Operária de São Paulo (Fosp), que passou a congregar um grande número de sindicatos da capital paulista, já em 1933, é fundado Centro de Cultural Social, que se tornou sede de uma série de atividades políticas e culturais de cunho anarquista^{II}. No decorrer desse período, algumas publicações anarquistas que haviam circulado em momentos anteriores voltaram a serem editadas, como os jornais *A Plebe*, *A Lanterna* e *Alba Rossa*, sendo também, que novas publicações surgiram como o jornal *O Trabalhador* e a revista *I Quaderni della Libertá*.

Nesse momento em que o movimento anarquista se reorganiza, uma das principais preocupações debatidas pela imprensa libertária foi à ascensão de diversos movimentos e regimes fascistas e, conseqüentemente, a tentativa de criar meios para promover uma resistência antifascista. Entretanto, o antifascismo anarquista não é um tema muito estudado, geralmente são feitas apenas algumas menções ao assunto em trabalhos que enfocam o período, mas analisando os periódicos libertários, podemos observar que os anarquistas desenvolveram uma série de atividades de caráter antifascista, como comícios, reuniões, conferências públicas, distribuição de manifestos, etc.

Dentro do antifascismo anarquista, um dos temas mais discutidos foi às ligações entre diversos movimentos e regimes fascistas com a Igreja Católica. No Brasil, como se sabe, os anarquistas tiveram intensa participação no movimento anticlerical das três primeiras décadas do século XX, atacando a Igreja com muita frequência através de seus jornais^{III}.

Destarte, optamos por analisar o alto grau de identidade entre Igreja e os movimentos fascistas que os jornais anarquistas *A Plebe* e *A Lanterna*, estabeleceram em suas edições que circularam na década de 1930. Escolhemos analisar esses jornais porque identificamos que existia uma vinculação entre seus grupos editores. Observamos pela leitura dos dois jornais que ambos contavam com muitos colaboradores em comum; não raro, publicavam artigos de proeminentes militantes anarquistas do período, como Maria Lacerda de Moura, Florentino de Carvalho e José Oiticica.

Na década de 1930, tanto *A Plebe* como *A Lanterna*, já possuíam uma vasta tradição libertária na cidade de São Paulo. *A Lanterna* surgiu em 1901, como periódico anticlerical tendo como redator-chefe o advogado e anarquista Benjamim Mota, sendo editado até 1904, quando por motivos de conflito dentro do grupo editorial, o periódico deixa de circular.

A Lanterna entre 1933 e 1935, publicou 48 edições, que apareciam geralmente de forma quinzenal, aos sábados. O jornal era editado em quatro páginas e embaixo do cabeçalho aparecia a seguinte frase: “Jornal de Combate ao Clericalismo”. Possuía algumas colunas fixa, como *Lata de Lixo*, na qual zombavam de frases de teor religioso ditas por católicos e a *Catecismo Herege* na qual havia frases de pensadores anarquistas e anticlericais que criticavam a Igreja Católica.

O periódico *A Plebe*, surgiu em 1917, durante os fortes movimentos grevistas que marcaram esse ano^{IV}. O jornal veio para substituir *A Lanterna* que havia deixado de circular no ano anterior. Essa folha funcionava como “um significativo instrumento na construção da greve geral declarada e sustentada durante esse ano”^V. Apesar de várias interrupções, *A Plebe* “foi publicado entre 1917 e 1951, chegando a sair diariamente durante um curto período em 1919”^{VI}.

Entre 1932 a 1935, *A Plebe*, era composta por quatro páginas, aparecendo de forma semanária, sendo publicado um total de 102 edições. Embaixo do cabeçalho possuía a

seguinte frase “Periódico Libertário”. O jornal funcionava como um porta-voz da FOSP, sendo que na última página existia a coluna *Movimento Operário*, na qual eram publicadas às notas oficiais dessa organização sindical.

Para desenvolver nosso estudo, nos valeremos das contribuições advindas da renovação da história política, que ocorreu principalmente a partir de 1970, e ampliou a compreensão do político, que deixou de ser visto como “um domínio isolado” e passou a ser entendido com “uma modalidade da prática social” que “liga-se por mil vínculos, por toda espécie de laços, a todos os outros aspectos da vida coletiva”^{VII}.

Com essa renovação, os estudos das ideias políticas deixaram de ter a aparência de uma história somente das “grandes obras” de “grandes homens”, se multiplicando para uma variedade de temáticas, desde a análise das ideias dos intelectuais, dos homens comuns, da imprensa, das fontes audiovisuais, etc. Para a nossa análise que tem como base documental os jornais redigidos pelos anarquistas, estamos de acordo com o historiador Michel Winock (2003), que ressalta a importância da imprensa como uma das fontes mais produtivas para se compreender as ideias das correntes de pensamento e dos grupos políticos:

Na segunda série dos objetos de estudo – a das correntes de pensamento e das famílias políticas – é de fato o jornal que constitui a fonte mais rica, a que espasa as inflexões da época, as nuances da conjuntura, e reflete as relações na sociedade, em suas tentativas de coerência entre a “doutrina” e os “fatos”^{VIII}.

Sobre as ideias políticas veiculadas pela imprensa anarquista, destacamos que atuavam como instrumento de propaganda, buscando influenciar deliberadamente na formação política do público leitor através da emissão de uma série de mensagens, com o objetivo de “gerar certas imagens e estimular determinados comportamentos” condizentes com a ideologia libertária^{IX}.

Em nosso estudo, também analisaremos algumas das imagens que apareceram nas edições dos jornais que abordagem as ligações entre os movimentos fascistas com a Igreja Católica, tendo em vista os seus discursos políticos. Acreditamos que essas imagens cumpriam uma função bastante significativa na formação política do público leitor, à medida que eram simples e de rápido entendimento, facilitando assim, a transmissão das ideias políticas anticlericais e antifascistas.

Tendo em vista a importância desses jornais, que são alguns dos mais representativos periódicos anarquistas do período, e também a relativa escassez de estudos sobre a atuação dos libertários no Brasil dos anos 30, nossa proposta é realizar uma análise de *A Plebe e A Lanterna*, com destaque para o tema das críticas as ligações entre o catolicismo e os movimentos fascistas.

As ligações entre movimentos fascistas e Catolicismo nos jornais *A Plebe e A Lanterna*:

No Brasil, onde o regime republicano e o Estado laico eram recentes, entre o fim do século XIX e o início do XX, o anticlericalismo tornou-se uma bandeira comum a grupos identificados aos mais diversos matizes políticos, mas que compartilhavam a defesa de uma sociedade laica cuja base era a existência e desenvolvimento do indivíduo racional: liberais, maçons e agnósticos, bem como socialistas e anarquistas, além de livres-pensadores em geral. Em meio a esse contexto, os anarquistas passaram a exercer um papel de destaque no movimento anticlerical, pois possuíam “os discursos e as práticas mais radicais”, atacando com veemência a Igreja através de seus órgãos de imprensa^X.

Nos anos 30 com a reorganização do movimento anarquista em São Paulo, os libertários voltaram a exercer uma ampla militância anticlerical, ainda mais com a retomada

ANDRE RODRIGUES

das publicações de *A Lanterna* em 1933, pois os redatores do jornal passaram a organizar uma série de reuniões, conferências e festivais de caráter anticlerical. Essas atividades eram amplamente divulgadas na imprensa anarquista como, por exemplo, nesse anúncio de um festival que aparece em *A Lanterna* na edição de 12 de julho de 1934:

Programa:

Ato comemorativo em que fará uma palestra sobre a ação clerical o companheiro Everardo Dias e falarão vários representantes das ligas anticlericais de várias cidades: representação da peça “LEÃO X” – o acelerado João de Médiçi – tragédia em verso, de Andrade Silva, velho colaborador de “A Lanterna”, na fase anterior: representação da comédia anticlerical “Vozes do Céu”, excelente trabalho literário de Mota Assunção, teatralizado pelo nosso companheiro Souza Passos; ato variado, com números escolhidos do canto, musica declamação e recitativos.

Os ingressos podem ser procurados em nossa redação e com os membros da comissão, nos respectivos centros e lojas.

A COMISSÃO!^{XI}.

Com a retomada da militância anticlerical libertária, umas das questões mais debatidas na imprensa anarquista, foram às ligações entre catolicismo e movimentos fascistas, principalmente com o Fascismo italiano e o Integralismo brasileiro. Para os militantes anarquistas, as vitórias dos movimentos fascistas representavam também algum ganho para a Igreja Católica: “As vitórias do fascismo são aproveitadas pela igreja: “Acordo de Latrão”, “Ensino religioso nas escolas”, “Dinheiro para o Papa”, “Perseguição aos inimigos da igreja, como os maçons e a agora os judeus”, etc.”^{XII}.

Nesse contexto, um dos temas de maior preocupação na imprensa anarquista foi à assinatura do Tratado de Latrão pelo Papa Pio XI e Mussolini em 1929. Por meio desse documento, era reconhecida a soberania da Santa Sé sobre o Vaticano, que passou a ser um Estado independente da Itália, inviolável e neutro. Desse modo, se resolveram os atritos entre a Igreja e Mussolini, sendo que esse último conseguiu angariar o tão esperado apoio católico para o regime^{XIII}. *A Lanterna* a partir de uma linguagem pejorativa demonstrou os benefícios que o Tratado de Latrão gerou para ambas as partes envolvidas:

E as igrejas enchem-se, e os padres enriquecem, e a religião cria prestígio e o Papa conquista sua autonomia, fazendo um acordo leonino com o chefe dos fascistas, o nefando Mussolini, que admite o Vaticano como Estado livre, dando ainda ao Papa, dos cofres públicos, 2 ou 3 bilhões de liras, para se sustentarem mutuamente de pé, para engodarem o povo, para protelarem indefinidamente o seu nefasto predomínio, a sua nefasta influência de aves de rapina a dilacerarem a humanidade resignada, ignorante e sofredora^{XIV}.

O professor e militante anarquista José Oiticica no artigo *E amanhã?* publicado em *A Lanterna*, na edição de 13 de julho 1933, demonstrou que apesar de Mussolini e a Igreja estarem se beneficiando mutuamente por meio da aliança consolidada, ambos estavam fadados a serem destruídos pelos movimentos de revolta da classe trabalhadora italiana, que um futuro próximo não suportará mais ser “escorchada” e “constrangida” pelas autoridades fascistas e católicas^{XV}. Sendo assim, essa era uma aliança que seria para a “vida” e para a “morte” das duas partes envolvidas:

Essa aliança, dadas às condições do acordo e a posição política do aliado, há de ser para a vida e para a morte como a de todos os namorados. Vai ser para a vida, quer dizer para o enriquecimento mútuo, para o enrijamento e garantia dos dois aparelhos de sucção, o fascista e o católico, ambos com suas ventosas terminais aplicadas coercitivamente no costado sanguejante dos trabalhadores italianos.

A IDENTIDADE ENTRE MOVIMENTOS FASCISTAS E IGREJA CATÓLICA NOS JORNAIS
ANARQUISTAS A PLEBE E A LANTERNA (1932-1935)

ANDRE RODRIGUES

Vai ser aliança para a morte, quando, em época talvez não muito longe, a revolta proletária se desencadear na Itália ^{XVI}.

Entretanto, o que mais incomodou os anarquistas no Tratado de Latrão, foi o fato de o Vaticano ter se tornado um Estado independente, porque existiam no Brasil, milhares de padres e religiosos vindos do exterior, principalmente da Itália, que segundo *A Plebe* exerciam influência tanto na política quanto na educação brasileira, o que já era algo o suficiente para se levantar suspeitas: “Presos por um voto de obediência a um governo estrangeiro não se justifica, realmente, essa tolerância a um governo estrangeiro, não numa ameaça permanente a tranquilidade nacional” ^{XVII}. De acordo com o jornal, perante a aliança entre a Igreja Católica e o Estado Italiano, a primeira poderia ter se tornado uma “milícia fascista” para agir no exterior: “Dando á Igreja privilégios e dinheiro, Mussolini teria obtido do Papa o compromisso de transformar o seu imenso exército de padres numa espécie de milícia fascista para uso externo” ^{XVIII}.

Não obstante, nos anos 30 a posição da hierarquia católica esteve muito próxima das medidas adotadas por regimes de caráter autoritário, fascista ou conservador; sendo que grande parte dos membros da Igreja se posicionou contra o liberalismo e o comunismo, pois eram interpretados como “doutrinas materialistas que pretendiam separar o espírito da matéria, o indivíduo da personalidade, ou mesmo a Igreja do Estado” ^{XIX}. A partir da reação antiliberal e anticomunista, houve uma tendência geral entre o Clero, em compactuar com regimes autoritários, fascistas e nacionalistas como o de Mussolini, Hitler, Franco, Salazar, etc ^{XX}.

Com a aproximação da Igreja para com a direita autoritária, *A Lanterna* enquanto periódico anarquista/anticlerical com vasta tradição em São Paulo pronunciou que esse era o momento histórico de maior “perigo clerical” no Brasil, pois nem mesmo quando se deu início à publicação do jornal em 1901, quando vários contingentes de padres emigravam para o país, o risco do poder da Igreja aumentar era tão eminente ^{XXI}. O militante Luís Rogério, por meio de *A Lanterna* chamou a atenção para o fato de que o clero por meio de suas “rodas clericais” e “órgãos de imprensa” atestam o fim da democracia e a necessidade de regimes autoritários baseados na hierarquia, nos quais a falta de liberdade permitiria a Igreja reviver o seu amplo domínio como o da época do período inquisitorial:

Nas rodas clericais, pelos seus órgãos de imprensa, já se fala ás escancaras, escandalosamente, sem o menor vislumbre de pudor, que a democracia faliu, que o único regime salutar para os povos, de acordo com a “ciência moderna”, como afirmam, é a monarquia absoluta e hereditária, a continuidade do poder nas mãos de uma mesma família, a formação de elites, a seleção aristocrática, a realidade da hierarquia e outros muitos anacronismos próprios da época em que o papado, no seu maior fastígio de poderio e também no apogeu das suas orgias e dissoluções, ditava leis ao mundo, depunha imperadores e queimava benevolmente os hereges, para maior glória de um Deus todo bondade e misericórdia ^{XXII}.

Ainda nesse mesmo artigo, Rogério destaca a importância da militância anticlerical e antifascista, daqueles que lutam pela manutenção da verdade e da justiça, para que o Brasil não seja governado por um regime “fascista-clerical”, como os que já foram implantados na Alemanha nazista e na Itália fascista:

Sendo certos que os negregados propósitos dos padres são os de açambarcar as escolas, apoderar-se cada vez mais do elemento feminino sob o pretexto ilusório do direito de voto, embrutecer tanto quanto possível as massas populares, explorar o pauperismo e as classes proletárias, não devemos permitir, como já fizeram algures, que se implante aqui um regime fascista clerical á moda Mussolini e Hitler, se não

A IDENTIDADE ENTRE MOVIMENTOS FASCISTAS E IGREJA CATÓLICA NOS JORNAIS
ANARQUISTAS A PLEBE E A LANTERNA (1932-1935)

ANDRE RODRIGUES

queremos ver a verdade e a justiça sepultada sob os escombros do mais desbragado
despotismo^{XXIII}.

Não obstante, em 07 de outubro de 1932 surgiu a Ação Integralista Brasileira (AIB), que como organização política legal existiu até fins de 1937. Em seus aspectos ideológicos, organizacionais e métodos de ação política, o Integralismo está inserida dentro dos partidos e movimentos fascistas “que surgiram entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a ascensão do nazismo na Alemanha, em 1933^{XXIV}”. A AIB tinha como lema “Deus, Pátria, Família”, para essa organização, o militante integralista deveria agir em consonância com os princípios do cristianismo.

Desse modo, a existência do movimento integralista, alarmou os editores dos dois jornais analisados. *A Lanterna* denunciava que o clero em sua ânsia de retomar o poder como no período Inquisitorial, no qual o povo era “embrutecido” pelo catecismo, tem apoiado movimentos autoritários que eram favoráveis a Igreja Católica, como: “integralismo, fascismo e nacionalismo”^{XXV}. *A Plebe* por sua vez, ressaltou que no Brasil, o Clero tem apoiado o Integralismo, porque esse é um movimento quem em defesa da religião cristã tende a cometer as maiores atrocidades:

O clero católico romano, que nestes últimos dias tem aplicado todos os processos engenhosos para dominar o Brasil, teria de qualquer forma que apoiar esse movimento, porque lhe traria vantagens e garantias para continuar a exploração sentimental que lhes permite o domínio das consciências.

Movimento reacionário, que pretende bestificar o povo e reduzi-lo a situação humilhante de obediência passiva, nasceu o integralismo para desenvolver as guerras, fazer derramamento de sangue, tudo em defesa da religião e para o bom nome de Cristo^{XXVI}.

Os anarquistas demonstravam que o movimento integralista era utilizado pelo clero de forma estratégica, para que conseguisse impor a população brasileira um regime autoritário de “compressão e violência”, no qual a Igreja conseguiria impor o “escravagismo das consciências” e a “volta ao conceito de direito divino” como o que existia no passado no período das “guerras santas”^{XXVII}. Sendo assim, era dever da mocidade culta agir para que o Brasil não se torne um país dominado pelo poder reacionário da união consolidada entre Integralismo e Igreja Católica:

Contra o integralismo, que é o mesmo que dizer contra a política do clero, deve erguer-se a voz consciente da mocidade culta, se queremos, espalhados pelos sertões a fora, em vez de múmias sem vontade, de seres inconscientes, de seres que vegetam nas pasmeiras das inquietações místicas a olhar para o alto de mãos postas, rosário pendurado ao pescoço, produto da influência clerical, encontrar o homem vivo, o ser pensante audaz e realizador, o homem livre e moderno, produto das concepções científicas do dinamismo da época, do progresso e da civilização^{XXVIII}.

O jornal *A Plebe*, constantemente denunciava que os integralistas se aproveitavam dos sentimentos religiosos da juventude brasileira, para angariar mais membros para a AIB e, para reiterarem essa afirmativa, publicaram uma carta do ex-militante integralista Sócrates G. Ramos, embora discordando dos seus princípios religiosos, na qual ele revela que rompeu com esse movimento, ao descobrir que as apologias às guerras tão presentes nos discursos dos chefes integralistas, nada tinha de coerência com os ensinamentos pacifistas do cristianismo:

Eu como perfeito cristão que era (como ainda não deixo de ser) vinha louvando ingenuamente, um tal programa, pois que este só falava em Deus, sendo por isso um programa de conceito espiritual e por consequência realmente são de princípios.

ANDRE RODRIGUES

Paralelamente a isto, nós, os integralistas, chegamos, a saber, que no regime integralista havíamos de fazer guerras, pois que são precisas e que elas é que haviam de caracterizar nossa forma cívica de governo no futuro.

Ora, de um lado a santíssima palavra de Deus, palavra que constitui, por si só, mesmo fora de qualquer programa social, todo o princípio de amor, paz e fraternidade; e de outro lado todo o princípio de extermínio humano, selvageria e rapinagem que é a guerra, coisa terrível, mas que os chefes integralistas não deixam de apoiar... tudo isso: uma coisa sã de um lado, e outra coisa que não presta de outro lado, formava o contraste que falei acima^{XXIX}.

Como podemos observar, com a reorganização do movimento anarquista em São Paulo, os anarquistas que editavam *A Plebe e A Lanterna*, ao retomarem com as publicações dos respectivos jornais na década de 1930, atacaram com veemência as aproximações que estavam ocorrendo entre o catolicismo e os movimentos fascistas, principalmente com o Fascismo na Itália e o Integralismo no Brasil. Nesse período, a imprensa anarquista justamente pelo seu caráter doutrinal-ideológico, teve um papel bastante significativo na mobilização anticlerical e antifascista, já que atuava como instrumento de propaganda, buscando influenciar diretamente na formação política do público leitor, a partir da emissão de uma série de ideias políticas.

As imagens como instrumento de mobilização anticlerical-antifascista

Em muitas das edições dos jornais que abordavam as ligações entre movimentos fascistas com a Igreja, também apareciam imagens, que juntamente com os artigos, buscavam mobilizar o público leitor para que tomasse um posicionamento político anticlerical e antifascista. Essas imagens cumpriam uma função bastante significativa na formação política anarquista, à medida que facilitavam “a transmissão da mensagem ao leitor, que se identificava enquanto indivíduo ou classe social na representação visual”^{XXX}.

Na imagem a seguir, que aparece em *A Lanterna*, na edição de 13 de julho de 1933, assim como acontecia nos artigos dos jornais que abordavam o Tratado de Latrão, a união compactuada entre Estado italiano e Igreja Católica por meio desse acordo, também é vista de forma negativa. Observamos na imagem, o Papa Pio XI e Mussolini de mãos dadas, pelas quais se escorrem o sangue dos “mártires das liberdades” que sucumbiram tanto perante o poder do Fascismo na Itália, quanto pela ação da Igreja Católica em tempos passados, principalmente no período da Inquisição. Embaixo da imagem segue a seguinte frase: “Papado e fascismo dar-se as mãos banhadas no sangue dos mártires da liberdade”^{XXXI}.

ANDRE RODRIGUES



Imagem 01: A Lanterna, 13/07/1933, p.04.

A imagem acima busca sensibilizar o público do jornal, pois nela vemos a Igreja e o Fascismo italiano (representados nas figuras de seus líderes) enquanto responsáveis por muitas atrocidades e, agora que estavam juntos, seriam causadores de mais mal ainda. Em contraposição, estão os “mártires da liberdade”, representados pelos nomes de importantes intelectuais antifascistas e anticlericais em volta dos crânios aos pés das duas autoridades, que na visão anarquista só tinham a contribuir para a humanidade, mas que acabaram sendo mortos pelo poder do Fascismo ou da Igreja.

O movimento integralista e sua relação com o catolicismo também foi alvo de críticas a partir das imagens veiculadas pela imprensa anarquista. Na imagem a seguir, que está em *A Plebe* na edição de 06 de julho de 1935, para tentar afastar os trabalhadores de qualquer possível aproximação com o movimento integralista, aparece um “trabalhador inconsciente” com os olhos vendados, simbolizando que se deixa levar pelo discurso religioso e fascista. Esse trabalhador é levado para o abismo pela mão direita do líder integralista Plínio Salgado, que de forma cômica, aparece travestido de padre carregando uma cruz ao alto na outra mão.



Imagem 02: A Plebe, 06/07/1935, p.01.

Em volta da imagem está o seguinte texto zombando do trabalhador inconsciente que se deixou levar pela demagogia do líder integralista:

Cruz ao alto, olhos postos na “divina” tombola da Cruz Vermelha, ali vai ele, o Antônio Conselheiro dos “camisas-verdes”, vestindo a sua fantasia clerical, pretendendo arrastar, fanático e velhaco, o proletariado inconsciente e cego para o abismo da escravidão perpétua. Cuidado com ele!^{XXXII}

Outra imagem bastante significativa de *A Plebe* está na edição de 29 de setembro de 1934. Logo na primeira página, aparece uma imagem na qual de um lado está: o Integralismo, o Nazismo e o Fascismo (representados nas figuras de seus respectivos líderes: Plínio Salgado, Adolf Hitler e Benito Mussolini), que juntamente com um padre bem gordo (simbolizando a Igreja Católica), atacam um cão feroz escrito nele “reação”, para que ataque uma falange composta por trabalhadores do campo e da cidade, que do outro lado, empunham em suas mãos seus instrumentos de trabalho, que serão utilizados na luta contra esse cão e aqueles que o provocam. Embaixo da imagem, está a seguinte frase incitando o proletariado para a luta contra os movimentos fascistas e seus aliados: “Só uma atitude decisiva do proletariado poderá impedir o avanço violento da reação, que, açulada pelos tiranos do fascismo e da burguesia. Pretende avassalar o mundo”^{XXXIII}.



SÓ UMA ATITUDE DECISIVA DO PROLETARIADO PODERÁ IMPEDIR O AVANÇO VIOLENTO DA REAÇÃO, QUE, AÇULADA PELOS TIRANOS DO FASCISMO E DA BURGUESIA. PRETENDE AVASSALAR O MUNDO.

Imagem 03: A Plebe, 29/10/1934, p.01.

As imagens cumpriam uma missão bastante significativa na transmissão dos discursos veiculados pela imprensa anarquista. Nas edições que abordavam as ligações entre movimentos fascistas com a Igreja, era muito comum a utilização de alguma imagem, que juntamente com os artigos, transmitiam ideias políticas buscando influenciar na formação política dos seus leitores, que era formado majoritariamente por operários, para que tomassem um posicionamento libertário que fosse contra a Igreja e os movimentos fascistas.

Considerações finais

No presente trabalho, analisamos as críticas às ligações entre catolicismo e movimentos fascistas nos jornais anarquistas *A Plebe* e *A Lanterna*, em suas edições que circularam na década de 1930. Através de nosso estudo, pudemos identificar que esses dois jornais buscavam atuar na formação política e ideológica, à medida que eram emissores de uma série de ideias que tinham como intuito fazer com que a mobilização anticlerical e antifascista libertária, fosse apoiada por seus leitores.

Dentre os movimentos e regimes fascistas que apoiaram a Igreja Católica, os mais criticados nos jornais foram o Fascismo italiano e o Integralismo brasileiro. O primeiro por causa do Tratado de Latrão, que selou a união entre o Vaticano e o Estado italiano; os anarquistas demonstraram os benefícios que esse acordo concedeu para ambas às partes envolvidas, em contraposição aos interesses do povo italiano, que aparece nos jornais enquanto subjugado e explorado pela união consolidada entre Fascismo e Igreja.

Entretanto, o que mais preocupou os anarquistas nesse tratado, foi o fato de existirem no Brasil milhares de padres e religiosos vindos do exterior, principalmente da Itália, que exerciam influência tanto na política quanto na educação brasileira, sendo que com a união entre Fascismo e Igreja, o clero católico poderia ter se tornado uma espécie de “milícia fascista” para agir no exterior, inclusive em território brasileiro.

O integralismo também mereceu uma série de críticas por parte dos anarquistas, pois era o movimento fascista brasileiro mais expressivo, além de ser defensor dos princípios

cristãos. Em muitos momentos a imprensa anarquista demonstrou que o clero apoiava movimentos fascistas e autoritários que eram favoráveis a Igreja, sendo que no Brasil a “política do clero” era o Integralismo, que em defesa do cristianismo e do catolicismo seria capaz de cometer os atos mais atrozes.

Na luta contra os movimentos fascistas e a Igreja, tanto *A Plebe* quanto *A Lanterna*, se valeram de vários recursos discursivos, como imagens e textos escritos de tom inflamado, pelos quais eram veiculadas ideias políticas, que tinham como objetivo mobilizar as pessoas para que tomassem parte na luta anticlerical e antifascista, defendida pelos grupos anarquistas de São Paulo.

Nos jornais analisados podemos observar que, com a reorganização do movimento anarquista em São Paulo nos anos 30, a imprensa anarquista teve uma influência bastante significativa na mobilização antifascista e anticlerical libertária, pois à medida que criticavam os movimentos fascistas e a Igreja, também ressaltavam a importância da ação política e social, para que o Brasil não fosse governado por um regime “fascista-clerical”.

Notas

^I Mestrando em História Política e Movimentos Sociais – Universidade Estadual de Maringá (UEM).

^{II} Sobre a reorganização da Federação Operária de São Paulo (Fosp) ver: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Estado e trabalhadores. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). *Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. Já sobre o Centro de Cultura Social ver: GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). *Cadernos AEL-Anarquismo e anarquistas*. Nº8/9, p. 165-192, IFCH, Campinas, 1998.

^{III} VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000.

^{IV} LOPREATO, Christina Roquette. *O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Annablume, 2000. Pág. 109.

^V KHOURY, Yara Aun. Edgard Leunroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *A formação das tradições (1881-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Pág. 120.

^{VI} BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Pág. 64.

^{VII} RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. RJ: Editora FGV, 2003. Pág. 35-36.

^{VIII} WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. RJ: Editora FGV, 2003. Pág. 282.

^{IX} SURIANO, Juan. *Anarquistas: Cultura y política libertaria em Buenos Aires (1890-1910)*. Buenos Aires: Manatiana, 2008. Pág. 37-68

^X VALLADARES, Eduardo. Op. Cit. Pág. 11.

^{XI} A LANTERNA. O nosso festival de aniversário. São Paulo, ano XI, n. 381, 12. Jul. 1934. Pág. 02.

^{XII} PASSOS, Souza. Clero e fascismo. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 366, 23 de nov. 1933. Pág. 01.

^{XIII} BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2006.

^{XIV} ALDO. Após o interregno em que a sanha clerical imperou desenfreada. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933. Pág. 04.

^{XV} OITICICA, José. E amanhã? *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933. Pág. 01.

^{XVI} Idem. Pág. 01.

^{XVII} A PLEBE. Aos homens livres. São Paulo, nova fase - ano I, n. 03, 03 dez. 1932. Pág. 01.

^{XVIII} Idem. Pág. 01.

- ^{XIX} CORDEIRO, Leandro Luiz. Alceu Amoroso de Lima e a intelectualidade católica frente ao Integralismo. BERTONHA, João Fábio (org.). *Sombras autoritárias e totalitárias no Brasil: integralismo, fascismos e repressão política*. Maringá: EDUEM, 2013. Pág. 95-96.
- ^{XX} Idem.
- ^{XXI} ROGÉRIO, Luís. A questão clerical e “A Lanterna”. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 355, 20 jul. 1935.
- ^{XXII} Idem. Pág. 01.
- ^{XXIII} Idem. Pág. 01.
- ^{XXIV} MAIO, Marcos; CYTRYNOWSKI, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (org.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. Pág. 41-42.
- ^{XXV} ORLANDO. Lanterna Mágica. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 364, 26 out. 1933. Pág. 03.
- ^{XXVI} A. L. O. Porque a religião quer o integralismo. *A Plebe*, São Paulo, nova fase - ano III, n. 79, 05. Jan. 1935. Pág. 02.
- ^{XXVII} LEÃO, Xisto. A mistificação integralista da clerezia. *A Lanterna*, São Paulo, ano XII, 06 set. 1934. Pág. 04.
- ^{XXVIII} Idem. Pág. 04.
- ^{XXIX} RAMOS, Sócrates. Uma carta que revela as mistificações integralistas. *A Plebe*, São Paulo, nova fase- ano III, n. 81, 02 de fev. 1935. Pág. 02.
- ^{XXX} GAWRYSZEWSKI, Alberto. A imagem como instrumento de luta anarquista. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). *Imagens Anarquistas: análises e debates*. 1ªed. Londrina: EDUEL, 2009. Pág. 19.
- ^{XXXI} A LANTERNA. São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933. Pág. 04.
- ^{XXXII} A PLEBE. São Paulo, ano III, nova fase - n. 92, 06 jul. 1935. Pág. 01.
- ^{XXXIII} A PLEBE. São Paulo, ano III, nova fase - n. 72, 29 out. 1934. Pág. 01.

Referências Bibliográficas

- A LANTERNA. São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933.
- A LANTERNA. O nosso festival de aniversário. São Paulo, ano XI, n. 381, 12. Jul. 1934.
- ALDO. Após o interregno em que a sanha clerical imperou desenfreada. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933.
- A. L. O. Porque a religião quer o integralismo. *A Plebe*, São Paulo, nova fase - ano III, n. 79, 05. Jan. 1935.
- A PLEBE. São Paulo, ano III, nova fase - n. 72, 29 out. 1934.
- A PLEBE. São Paulo, ano III, nova fase - n. 92, 06 jul. 1935.
- A PLEBE. Aos homens livres. São Paulo, nova fase - ano I, n. 03, 03 dez. 1932.
- ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Estado e trabalhadores. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). *Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.
- BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.
- BERTONHA, João Fábio. *Fascismo, nazismo, integralismo*. São Paulo: Ática, 2006.

-
- CORDEIRO, Leandro Luiz. Alceu Amoroso de Lima e a intelectualidade católica frente ao Integralismo. BERTONHA, João Fábio (org.). *Sombras autoritárias e totalitárias no Brasil: integralismo, fascismos e repressão política*. Maringá: EDUEM, 2013.
- GAWRYSZEWSKI, Alberto. A imagem como instrumento de luta anarquista. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). *Imagens Anarquistas: análises e debates*. 1ªed. Londrina: EDUEL, 2009. P. 11-42.
- GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). *Cadernos AEL-Anarquismo e anarquistas*. Nº8/9, p. 165-192, IFCH, Campinas, 1998.
- KHOURY, Yara Aun. Edgard Leunroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). *A formação das tradições (1881-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LEÃO, Xisto. A mistificação integralista da clerezia. *A Lanterna*, São Paulo, ano XII, 06 set. 1934.
- MAIO, Marcos; CYTRYNOWISKI, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (org.). *O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- OTICICA, José. E amanhã? *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933.
- ORLANDO. Lanterna Mágica. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 364, 26 out. 1933.
- PASSOS, Souza. Clero e fascismo. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 366, 23 de nov. 1933.
- RAMOS, Sócrates. Uma carta que revela as mistificações integralistas. *A Plebe*, São Paulo, nova fase- ano III, n. 81, 02 de fev. 1935.
- RÉMOND, René. Uma história presente. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. RJ: Editora FGV, 2003.
- ROGÉRIO, Luís. A questão clerical e “A Lanterna”. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 355, 20 jul. 1935.
- SENTINELO, Jaqueline Tondato. A Nação Integral: uma proposta autoritária de nação para o Brasil na década de 1930. BERTONHA, João Fábio (org.). *Sombras autoritárias e totalitárias no Brasil: integralismo, fascismos e repressão política*. Maringá: EDUEM, 2013.
- SURIANO, Juan. *Anarquistas: Cultura y política libertaria em Buenos Aires (1890-1910)*. Buenos Aires: Manatianal, 2008.

TRINDADE, Hélio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 1930*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

VALLADARES, Eduardo. *Anarquismo e anticlericalismo*. São Paulo: Imaginário, 2000.

WINOCK, Michel. As ideias políticas. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. RJ: Editora FGV, 2003.

Fontes e arquivos

A LANTERNA. São Paulo, 1933-1935. Centro de Documentação e Memória (CEDEM) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo.

A PLEBE. São Paulo, 1932 -1935. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.